

INFÂNCIAS E SUAS INTERSECCIONALIDADES: SABERES E FAZERES DO(A) PSICÓLOGO(A) NA CLÍNICA COM CRIANÇAS

CHILDHOODS AND THEIR INTERSECTIONALITIES: KNOWLEDGE AND PRACTICES OF THE PSYCHOLOGIST IN CLINICAL WORK WITH CHILDREN

DOI: 10.16891/2317-434X.v14.e1.a2026.idMEPESA20

Recebido em: 04.12.2025 | Aceito em: 13.12.2025

Maria Nadyelle Lopes de Souza Nascimento^a
Francisco Francinete Leite Júnior^a

Programa de Pós-graduação em Ensino em Saúde, Centro Universitário Doutor Leão Sampaio^a
**E-mail: marlenesouza@leaosampaio.edu.br*

RESUMO

Este relato de experiência tem como objetivo compreender de que maneira os marcadores sociais de identidade — como gênero, raça, classe, corporalidade e cultura — atravessam o saber-fazer dos psicólogos que atuam na clínica psicanalítica com crianças. Parte-se da compreensão de que a infância é uma construção social e histórica, e que práticas clínicas que desconsideram tais atravessamentos tendem a reproduzir invisibilizações e desigualdades. A metodologia adotada ancora-se em uma pesquisa qualitativa ainda em desenvolvimento, que utilizará entrevistas semiestruturadas com psicólogos como instrumento central de coleta de dados. As entrevistas, realizadas on-line, buscarão identificar como esses profissionais reconhecem, integram ou silenciam aspectos interseccionais em seu manejo clínico. O percurso formativo da pesquisadora — incluindo participação em aula sobre desenvolvimento infantil e a experiência como ministrante de um minicurso no VI Congresso de Psicologia do Cariri — também compõe a base metodológica, contribuindo para a construção analítica do estudo. O relato articula referenciais da psicanálise com contribuições dos estudos interseccionais, destacando o brincar como linguagem privilegiada da criança e recurso fundamental para o acesso ao seu mundo interno. Resultados preliminares indicam a necessidade de repensar a seleção de brinquedos e materiais clínicos de modo a contemplar maior representatividade racial, de gênero, classe e diversidade corporal no setting terapêutico. Esses achados orientam a elaboração de um produto técnico-tecnológico — uma caixa lúdica interseccional — que visa qualificar a prática clínica com crianças, promovendo uma abordagem ética, crítica e sensível às pluralidades das infâncias contemporâneas.

Palavras-chave: interseccionalidade; clínica infantil; psicanálise; ludicidade; diversidade.

ABSTRACT

This experience report aims to understand how social markers of identity—such as gender, race, class, embodiment, and culture—shape the professional practice of psychologists working in child psychoanalytic therapy. It is grounded in the understanding that childhood is a social and historical construct and that clinical practices disregarding these intersecting factors tend to perpetuate invisibility and inequalities. The methodology is based on ongoing qualitative research using semi-structured interviews with psychologists as the primary data collection tool. Conducted online, these interviews seek to identify how professionals recognize, integrate, or silence intersectional aspects within their clinical management. The researcher's own training—including participation in classes on child development and experience teaching a short course at the 6th Cariri Psychology Congress—also informs the methodology and contributes to the study's analytical framework. The report bridges psychoanalytic concepts with insights from intersectionality studies, highlighting play as a child's primary language and a crucial resource for accessing their inner world. Preliminary results indicate a need to rethink the selection of toys and clinical materials to ensure greater representation regarding race, gender, class, and bodily diversity within the therapeutic setting. These findings guide the development of a technical-technological product—an intersectional play kit—aimed at enhancing clinical practice with children by fostering an approach that is ethical, critical, and sensitive to the pluralities of contemporary childhoods.

Keywords: intersectionality; child therapy; psychoanalysis; play; diversity.

INTRODUÇÃO

A infância, enquanto fase inicial do desenvolvimento humano, é um fenômeno complexo e multifacetado, moldado por interseções históricas, sociais, culturais e individuais. É nesse período que se constroem as bases da subjetividade, das relações afetivas e da percepção de mundo.

Este trabalho propõe um mergulho no universo da infância, não como um estágio biológico universal, mas como um território de invenção e construção social. A noção de infância, tal como concebida na contemporaneidade, é fruto de um longo processo de transformação, que a destacou do mundo adulto e a colocou sob o foco de discursos de proteção e normatização.

A prática clínica, na contemporaneidade, não pode ser compreendida sem considerar seus fundamentos históricos e epistemológicos. Em *O Nascimento da Clínica*, Michel Foucault (2003) analisa as transformações no campo da medicina e, por extensão, na própria concepção de “clínica”, situando-a como um dispositivo que articula saber e poder a partir da observação sistemática dos corpos. Ao trazer essa discussão para o campo da psicologia, evidencia-se a necessidade de um posicionamento ético e crítico diante da tendência à normatização dos modos de existir.

Nesse contexto, a clínica psicanalítica se apresenta como um espaço de resistência. Diferente do modelo médico, ela se funda na escuta, na palavra e no sujeito dividido. A partir de Freud, a psicanálise instaura uma nova forma de escutar o sofrimento humano, considerando o sintoma como uma formação do inconsciente.

Ao refletir sobre a prática clínica, é fundamental adotar uma abordagem que transcenda visões reducionistas, reconhecendo a criança como um sujeito singular, inserido em um contexto marcado por múltiplos eixos de diferenciação. A partir da perspectiva da interseccionalidade, compreende-se que os sujeitos não estão isolados em categorias únicas, mas sim atravessados por sistemas de opressão que se inter-relacionam e produzem vulnerabilidades específicas. Autores como Carla Akotirene (2019) e Fernando Pocahy (2021) propõem uma crítica contundente às práticas que ignoram os atravessamentos estruturais de raça, classe e gênero,

exigindo uma escuta que vá além da dimensão intrapsíquica.

Além disso, este percurso foi enriquecido pela experiência da autora como ministrante de um minicurso no VI Congresso de Psicologia do Cariri, no qual foram discutidas a interseccionalidade e as múltiplas infâncias, com foco no saber-fazer do psicólogo diante das diversidades que atravessam a clínica infantil. As reflexões surgidas nesse espaço formativo permitiram aprofundar a compreensão sobre como marcadores como raça, gênero, classe, corporalidade e cultura influenciam a constituição subjetiva das crianças, reforçando a necessidade de instrumentos clínicos que favoreçam a representatividade e ampliem o alcance do brincar. Essa vivência contribuiu diretamente para a problematização que sustenta este relato de experiência e para o surgimento da proposta do Baú das Muitas Infâncias como dispositivo clínico-potente.

REFERENCIAL TEÓRICO

A compreensão da clínica com crianças exige o reconhecimento de que o desenvolvimento infantil ocorre por meio de processos simbólicos, relacionais e corporais que se expressam, sobretudo, através do brincar. Para Winnicott (1975), o brincar constitui um espaço potencial no qual a criança experimenta, cria, simboliza e elabora conteúdos subjetivos, permitindo que aspectos inconscientes se tornem comunicáveis na relação terapêutica. Axline (1974) também enfatiza que, no contexto clínico, os brinquedos funcionam como a linguagem da criança, possibilitando que ela expresse conflitos, desejos e vivências que ainda não conseguem ser traduzidos em palavras. Assim, a ludicidade não é acessória, mas estruturante da clínica infantil.

Ao mesmo tempo, autores contemporâneos como Fink (2017) e Jerusalinsky (2009) ressaltam que a clínica psicanalítica com crianças deve considerar as condições concretas que atravessam a constituição subjetiva, reconhecendo que a infância não é homogênea, mas múltipla, diversa e marcada por diferenças sociais, históricas e culturais. Nesse contexto, o conceito de interseccionalidade, formulado por Crenshaw (1989), oferece uma lente essencial para compreender como

marcadores como raça, gênero, classe, corporalidade, território e configuração familiar articulam-se na experiência infantil, produzindo distintas possibilidades de reconhecimento, visibilidade e pertencimento.

No setting clínico, a ausência de representatividade nos recursos lúdicos pode limitar a expressão da criança e invisibilizar aspectos fundamentais de sua história e identidade. Estudos sobre diversidade na infância (Rocha, 2020; Ribeiro, 2018) apontam que brinquedos não representativos reproduzem desigualdades simbólicas, dificultando a elaboração subjetiva de crianças negras, indígenas, meninas, crianças com deficiência ou de diferentes composições familiares. Nesse sentido, a oferta de materiais lúdicos plurais torna-se condição ética e técnica para uma prática clínica que considere a singularidade de cada criança.

A psicanálise na contemporaneidade reconhece que o sujeito é constituído na relação com o outro e pelos significantes que o cercam (Lacan, 1998). Assim, quando a criança encontra no brincar objetos, corpos e narrativas que dialogam com sua própria experiência, amplia-se sua capacidade de simbolização e de construir sentidos sobre si e sobre o mundo. Segundo Winnicott (1975), o uso de brinquedos diversos e representativos favorece processos de reconhecimento, identificações positivas e elaboração de conflitos ligados à diferença — dimensão crucial na clínica atual.

Nesse cenário, o Baú das Múltiplas Infâncias surge como uma proposta de recurso clínico alinhado às exigências da psicanálise contemporânea e às discussões sobre diversidade e inclusão. Ao integrar ludicidade e interseccionalidade, o baú se fundamenta na compreensão de que o brincar é uma via de acesso privilegiada à subjetividade infantil e que essa subjetividade é construída em meio a múltiplas determinações sociais. O produto, portanto, dialoga com uma perspectiva ética de cuidado, que reconhece as pluralidades da infância e oferece ao psicólogo ferramentas para uma escuta mais ampla, sensível e comprometida com a singularidade de cada criança.

METODOLOGIA

Este trabalho configura-se como relato de experiência, cuja finalidade consiste em descrever e refletir criticamente sobre as vivências, observações e

aprendizagens construídas durante o desenvolvimento do baú das muitas infâncias, que será realizado com psicólogos de abordagem psicanalítica que trabalhe com o público infantil. O relato de experiência constitui narrativa que legitima a experiência enquanto fenômeno científico, apresentando-se como produto científico próprio às ciências humanas e à pós-modernidade (Daltro; Faria, 2019).

A experiência relatada fundamentar-se-á em entrevistas semiestruturadas que serão realizadas em grupo, em reuniões on-line via Google Meet, garantindo acessibilidade, segurança, sigilo e possibilidade de participação de psicólogos situados em diferentes localidades., constituindo desdobramento da coleta de dados de dissertação desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ensino em Saúde do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio. Participarão do estudo cinco psicólogos de abordagem psicanalítica que atuam diretamente com crianças.

As entrevistas semiestruturadas serão realizadas para orientar a construção do Baú das Muitas Infâncias, permitindo identificar, a partir das falas dos psicólogos, os elementos de diversidade e interseccionalidade mais recorrentes na clínica infantil. As percepções dos participantes servirão como norteadoras para a escolha dos brinquedos, garantindo que a seleção represente diferentes marcadores sociais. Os dados serão analisados por meio da técnica de análise de conteúdo, de modo a subsidiar a definição dos itens que melhor atendam às múltiplas infâncias.

Para o registro e documentação da experiência, serão utilizados a gravação em áudio das entrevistas, as anotações em diário de campo e os registros escritos produzidos após o encontro. Esses materiais permitirão preservar as falas dos participantes, bem como impressões, percepções e elementos não verbais observados durante a interação. A combinação desses registros garantirá maior fidelidade ao conteúdo produzido e possibilitará uma análise mais consistente dos dados coletados. Esses documentos servirão como base para a organização das categorias analíticas e para orientar a seleção dos brinquedos da Caixa das Infâncias Plurais.

A sistematização da experiência será organizada mediante análise descritivo-reflexiva dos registros produzidos, articulando as vivências observadas com os fundamentos teóricos que sustentam a prática clínica com

o público infantil. Este percurso analítico possibilitará identificar elementos significativos relacionados à articulação entre as diversidades e o saber-fazer dos psicólogos infantis, evidenciando potencialidades e quanto ao tema.

A experiência atenderá aos princípios éticos estabelecidos pela Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, garantindo-se o anonimato das participantes e a confidencialidade das informações compartilhadas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A experiência construída até o momento permitiu organizar de forma estruturada o planejamento da etapa empírica da pesquisa, que envolve entrevistas semiestruturadas com psicólogos de abordagem psicanalítica que atuam na clínica infantil. Embora as entrevistas ainda não tenham sido realizadas, o percurso de preparação já evidencia elementos importantes para a discussão dos resultados previstos. O encontro planejado será conduzido de maneira on-line, utilizando a plataforma Google Meet, e terá como foco provocar reflexões sobre diversidade, interseccionalidade e representatividade no manejo clínico. Durante esse momento, os participantes serão convidados a dialogar sobre suas experiências, percepções e desafios relacionados às infâncias plurais, enquanto são apresentados aos brinquedos e materiais que comporão a Maleta das Infâncias Plurais.

Espera-se que a experiência formativa produza efeitos relevantes na prática dos profissionais, especialmente no que diz respeito ao reconhecimento da importância de brinquedos representativos, capazes de dialogar com diferentes marcadores sociais, como raça, gênero, classe, corporalidade, cultura e diversidade familiar. A expectativa é que o encontro favoreça reflexões sobre aspectos do manejo que, embora presentes no cotidiano clínico, muitas vezes permanecem invisibilizados. Entre os pontos positivos previstos, destaca-se a possibilidade de ampliar o repertório clínico dos psicólogos, fortalecendo uma escuta mais ética, inclusiva e sensível às singularidades infantis. Além disso, o uso dos brinquedos como disparadores projetivos pode favorecer associações, memórias e narrativas importantes sobre a prática profissional, revelando necessidades formativas e lacunas que não costumam emergir em

métodos tradicionais de pesquisa.

Entretanto, algumas limitações também são antecipadas. A subjetividade dos entrevistados pode influenciar as respostas, seja por defesas inconscientes, seja por desejo de apresentar uma prática idealizada. O número reduzido de participantes pode restringir a diversidade de discursos, limitando a generalização dos resultados. Soma-se a isso a dificuldade de observar a aplicação direta dos brinquedos com crianças neste primeiro momento, o que faz com que a análise se baseie, inicialmente, na percepção dos profissionais. Também se prevê que a disponibilidade de brinquedos representativos no mercado possa gerar desafios na composição final do material lúdico.

Ainda assim, a discussão preliminar indica que o estudo tem potencial para contribuir significativamente com a clínica psicológica infantil, sobretudo ao propor uma articulação entre ludicidade, psicanálise e interseccionalidade. Mesmo antes da realização das entrevistas, o processo já revelou uma necessidade urgente de revisão das práticas tradicionais, que frequentemente negligenciam as diferenças que atravessam as infâncias. Assim, os resultados esperados apontam para a construção de um produto inovador — a Maleta das Infâncias Plurais — capaz de fomentar práticas clínicas mais representativas, éticas e comprometidas com o cuidado integral na saúde mental infantil. A proposta configura-se como um avanço importante no campo do ensino em saúde, abrindo possibilidades futuras para validação em novos contextos, ampliação da pesquisa e implementação na formação de psicólogos e profissionais da infância.

CONCLUSÃO

O presente relato de experiência evidencia que a construção da Caixa das Infâncias Plurais surge de uma necessidade concreta identificada no percurso formativo do mestrado e no contato direto com discussões sobre desenvolvimento infantil, ludicidade e interseccionalidade. A partir da aula vivenciada no Estágio 1, somada ao minicurso ministrado no VI Congresso de Psicologia do Cariri, tornou-se possível compreender que o brincar, além de fundamental para a expressão subjetiva da criança, precisa ser intencionalmente representativo para acolher suas singularidades e garantir reconhecimento simbólico no setting clínico.

Embora a pesquisa ainda se encontre em fase de revisão bibliográfica e organização metodológica, os caminhos já percorridos indicam a relevância de um produto que articule ludicidade e pluralidade, respondendo às lacunas percebidas no uso de recursos clínicos pouco diversificados. A realização das entrevistas semiestruturadas com psicólogos que atendem crianças permitirá aprofundar a compreensão sobre as práticas existentes e identificar, a partir das experiências dos profissionais, quais marcadores sociais devem orientar a seleção dos brinquedos que comporão o baú.

Espera-se que a Caixa das Infâncias Plurais contribua para ampliar a sensibilidade clínica, favorecer processos simbólicos mais inclusivos e fortalecer o saber-fazer do psicólogo diante das infâncias plurais. A

iniciativa pretende, assim, oferecer um recurso técnico-tecnológico que não apenas potencialize a escuta clínica, mas também provoque reflexões éticas sobre a necessidade de reconhecer as diferenças que atravessam o desenvolvimento infantil.

Dessa maneira, este estudo reforça a importância de integrar teoria, prática e experiência formativa para a construção de produtos inovadores, capazes de dialogar com as demandas emergentes da clínica contemporânea. As etapas futuras, incluindo análise das entrevistas, seleção dos brinquedos e validação do produto, permitirão consolidar o baú como ferramenta de apoio às práticas psicológicas e ampliar sua aplicabilidade em diferentes contextos profissionais.

REFERÊNCIAS

AXLINE, V. M. **Terapia do jogo: a psicoterapia infantil através do brincar**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1974.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC**. Brasília: Ministério da Educação, 2017.

CRENSHAW, K. Demarginalizing the intersection of race and sex: a Black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. **University of Chicago Legal Forum**, v. 1989, n. 1, p. 139–167, 1989.

FINK, B. **Fundamentos da técnica psicanalítica**. Porto Alegre: Artmed, 2017.

JERUSALINSKY, A. **Psicanálise e desenvolvimento infantil: as bases do funcionamento psíquico**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2009.

LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

RIBEIRO, D. **Lugar de fala**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ROCHA, M. S. **Infâncias e diversidade: representatividade e construção subjetiva**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2020.

WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago